

Quarto dia em que eu morava no novo apartamento aqui em São Paulo, junto ao Vale do Anhangabaú. Não queria que fosse assim, mas fiquei sem opção. Procurei outro e não encontrei. Não queria voltar para o aqui bairro da Bela Vista.

Morei 13 anos e conheço-o bem. Nada carrega de positivo, a não ser a facilidade de comércio: supermercados, feira livre, padaria, farmácia, açougue, lavanderia, metrô e consequentemente estar a um passo da região central da cidade (que presta menos ainda).

O lado negro da coisa é que o bairro é repleto de pessoas em situação de rua, drogados, assaltantes, imigrantes descompromissados com o mundo e em grande parte traficantes de drogas (eles) e ladras (elas). Muita sujeira pela rua e barulho. Não adianta querer mais. A Bela Vista nunca prestou para ser moradia. Isso é histórico, vem lá do século XIX. É o bairro de São Paulo com o maior número de cortiços. Acho que apenas esse número já dá a dimensão da coisa.

Jurei pra mim mesmo, que não colocaria os pés fora de casa após o escurecer (18 horas, 18:30 no máximo). Jurei também que não voltaria pra casa após esse horário. Mesmo voltando de taxi o perigo é grande. Falei pra muita gente que não extrapolaria os horários, Só faltou eu registrar isso em cartório...

Voltando ao primeiro parágrafo.

Era o quarto dia, uma terça feira. Sai cedo para visitar meu irmão (morador então no alto de Santana – zona norte). Conversa vai, conversa vem, almoçamos. Eu, ele e minha cunhada.

Ele não havia passado bem no dia anterior. Forte dor nas costas. Problemas de coluna? Rins? Foi ao médico e nada ficou resolvido. A dor persistia.

Chegamos à conclusão de que ele precisaria ir ao hospital.

Chegamos lá perto das 14 horas. Triagem... Médico analisa e solicita um ultrassom de abdome total.

Exame feito, e retorno à sala de consulta. Constatou um cálculo renal grande e pediu, na sequência, uma tomografia computadorizada.

Fez a tomo. Retornamos à sala de consultata (isso já era perto das 18 horas). Foi constatado um grande cálculo na entrada do ureter. Cirurgia. Ele (o médico) já havia se comunicado com o urologista e a mesma aconteceria no dia seguinte, perto do horário do almoço.

- Quer dizer, doutor, que eu não vou voltar pra casa hoje? Perguntou meu irmão ao médico.

- Não vai. Já solicitei sua internação. Seu caso é arriscado, se esse cálculo se mover pode haver uma complicação...

Na sequência: Acompanhar toda a tramitação de internação, até que ele estivesse confortavelmente no apartamento do hospital.

Felizmente tudo aconteceu bem, só que... Estávamos já quase perto das 22 horas! Eu precisava voltar pra casa (eu estava com medo). Mesmo assim saí do hospital, peguei um ônibus, fui até a estação do metrô e peguei o metrô para descer na estação Anhangabaú.

Detalhe: Eu carregava uma bolsa preta, dessas comuns que a gente carrega material esportivo ou serve pra viajar. Estava vazia porque deixei coisas para meu irmão e minha cunhada. A bolsa podia, agora, chamar a atenção.

Não restava outra opção senão encarar.

Desci da estação. Àquela hora ainda havia gente pelas ruas, principalmente um bando de camelôs africanos à porta do metrô. Ruas perigosas e semi-desertas.

Cheguei no prédio. Tudo fechado. Como é um prédio misto (comércio e habitações) você não tem a chave da porta da rua. É necessário tocar na portaria e o porteiro vai abrir após identificar quem é.

Muito bem. Eu não conhecia o porteiro e muito menos ele me conhecia.

Toquei. Ninguém atendeu a porta. Insisti. E uma voz surgiu pelo interfone.

- Oi...

- Olá boa noite, sou o Nelson do 101, novo morador.

Silêncio. Eu já ia quase insistir, quando ele retornou à ligação.

- Não tem ninguém no 101...

- O senhor não entendeu. Eu mudei sábado pra cá. Me chamo Nelson, aluguei o apartamento 101 da Imobiliária Medeiros, conheço a Dra. Maria, advogada...

Aí ele abriu (eletronicamente o portão).

Você consegue imaginar minha alegria?

Eu estava praticamente em casa, agora era apenas pegar o elevador.

Havia chegado são e salvo (vivo e sem ser assaltado ou sequestrado)

Meu irmão estava em boas mãos....

Fui até a guarita, bati no vidro e ele abriu a janela. Nos apresentamos.

- Olá sou o Nelson, prazer.

- Boa noite, sou o Mazzo...

Aproveitei o momento para fazer uma graça e continuei a conversa.

- Dificilmente vou chegar após às 19 horas, mas hoje foi uma exceção. Estou vindo do Hospital São Camilo, lá na zona norte. Meu irmão vai fazer uma cirurgia.

- Coisa grave? Perguntou ele.

- Não é. Um problema no rim, mas está sob controle.

Aí eu continuei:

- Eu tive um amigo há muitos anos com o mesmo sobrenome seu, Mazzo, hoje ele é sócio de uma fábrica de helicópteros nos Estados Unidos...

- Não tem nada a ver comigo, meu nome é Mazzodalvânio Bezerra de Lima. Vim de Pernambuco já tem uns 30 anos e nunca fui pros Estados Unidos!

- Ah! Pensei que fosse sobrenome...

Sem mais saber o que fazer, tirei a sacola do meio das pernas, desci a escada e caminhei pelo corredor vazio em busca do elevador.

Cinco minutos depois eu já estava no chuveiro, tomando um relaxante banho e procuraria dormir logo, porque amanhã cedo, 9 horas eu já precisaria estar no Hospital...

É, realmente não tinha nada a ver com meu amigo, oficial da aeronáutica e empresário.

*Nelson Di Francesco - São Paulo, 11 de dezembro de 2020.*